

Médica promete curar, com dança, 70 doenças

Em uma tranqüila mansão do Morumbi, uma simpática chinesa de 47 anos comandou, na tarde de ontem, uma curiosa sessão de exercícios. Ao som de suaves canções orientais, ela movimentava-se pela sala de um lado para outro com elegância e leveza, misturando passos de balé, ginástica e tai-chi-chuam. Nem todos os que tentaram acompanhá-la conseguiam a mesma harmonia.

"Quem concentra as energias em uma só parte do corpo não tem a mesma leveza e equilíbrio interior" ensina Gao Yun, médica nascida na República Popular da China, radicada em Los Angeles, que veio ao Brasil divulgar o qigong (pronuncia-se Chi Cong), um método terapêutico criado há mais de três mil anos. Ela vai dar uma palestra na Associação Cultural Japonesa, na Liberdade, e ministrar outros cursos no Brasil até a primeira semana de dezembro.

O qigong envolve meditação, movimentos corporais e de respiração. É considerado por seus praticantes uma espécie de acupuntura sem agulhas. "Os mesmos pontos do corpo humano são considerados vitais para a cura de qualquer mal", explica a médica chinesa. Ela garante que o qigong é capaz de curar 70 diferentes doenças, dos problemas de coração à alergia, passando por impotência e câncer.

RELAXAMENTO

Sete milhões de pessoas praticam o qigong na China. No Brasil, ainda não existem dez praticantes. Um dos primeiros e poucos adeptos no país é Chang Sheng Kai, empresário chinês que dirige o grupo Brasfanta. "Sofri uma queda quando criança e senti dores por mais de 30 anos, até conhecer o qigong", de-
põe o empresário.

Para praticar o qigong, segundo Gao Yun, não existe regra específica. "Basta relaxar a mente e o corpo", garante. Os movimentos são espontâneos e cada um dos praticantes reage a sua maneira. Ontem, o empresário Chang, por exemplo, parecia executar movimentos de arte marcial, enquanto a publicitária Joana Wuo, de 26 anos, — que experimentou o qigong pela primeira vez — apresentava estar numa cerimônia de candomblé. Ao final do exercício, a novata transpirava e chorava. "Ela não conseguiu controlar o fluxo de energia", explica Gao Yun.



Claudio Luchessi/AE

Gao Yun: "Quem concentra as energias não tem leveza"